

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
UNIVERDADE DE ARTES E TURISMO – ESAT
ILUANA FARIAS DE ARAÚJO

O TEATRO DE FORMAS ANIMADAS NO QUILOMBO URBANO BARRANCO
DE SÃO BENEDITO.

MANAUS - AM

2017

O TEATRO DE FORMAS ANIMADAS NO QUILOMBO URBANO BARRANCO
DE SÃO BENEDITO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Teatro, pela Universidade do
Estado do Amazonas (UEA).

Orientado pela Prof^a. Mestra Amanda Aguiar
Ayres.

Área de concentração: Licenciatura em Teatro

Data da apresentação: 20 / 11 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Amanda Ayres

Vanessa Bordin

Yara dos Santos

Manaus

2017

DEDICATÓRIA

À **Deus**, que não desistiu de mim, que é essencial em todos os momentos da minha vida e que me oportunizou essa experiência. À toda minha **família**, que sempre esteve ao meu lado, mas especialmente à mulher mais guerreira, linda, incrível e a prova de todo amor que Deus tem por mim, minha mãe **Iracimar Farias** (sou sua fã) e ao meu pai, **Raimundo Rodrigues**. Dedico também ao meu amor, o homem que sempre me motiva a ser melhor, meu namorado, melhor amigo e parceiro **João Soares**. À professora, amiga, luz e cheia de axé e energia, **Amanda Ayres** que acreditou na minha pesquisa, me motivou e deixou todos os momentos mais leves e prazerosos, melhor orientadora não há!

À **São Benedito**, das flores, dos pães. Axé!

AGRADECIMENTOS

À mulher mais linda do mundo **Iracimar Farias**. Já disse que sou sua fã?

À minha orientadora **Amanda Ayres**, por todo carinho, paciência e contribuição.

Às queridas **Vanessa Bordin** e **Yara dos Santos**, que contribuíram com o crescimento do meu trabalho.

Ao meu amigo **Leonardo Scantbelruy**, um irmão que a vida me deu, companheiro de todos os momentos.

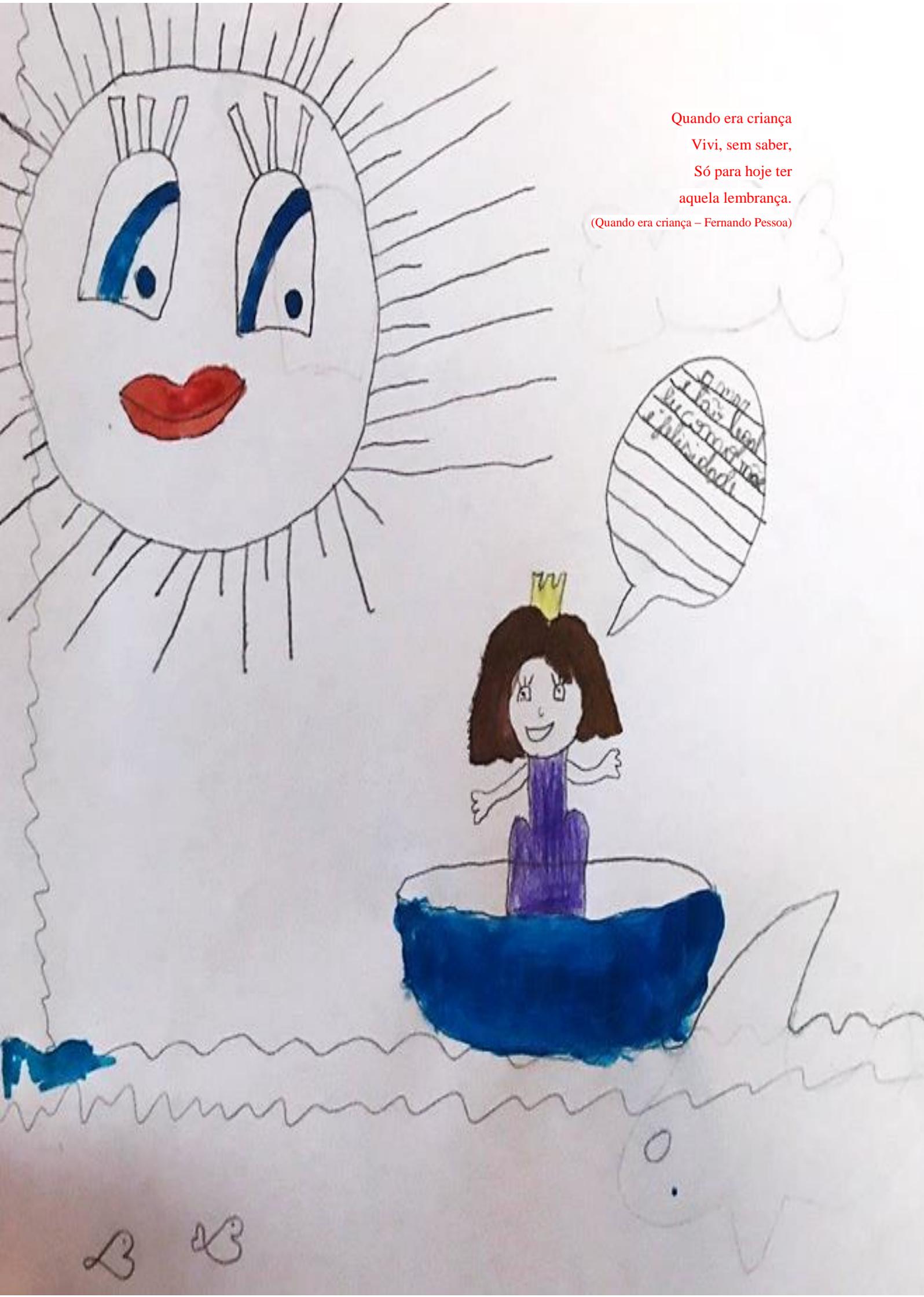
Aos **amigos** que eu fiz na **faculdade** (e fora dela), que me acompanharam durante esses quatro anos, sempre me estimulando e apoiando.

Aos **professores do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas**, mas em especial à **Annie Martins** e **Luiz Davi**.

À **Marcia Muca**, sempre disposta em ajudar com um sorriso no rosto.

À amiga **Keilah**, crioula resistente do Quilombo Urbano Barranco de São Benedito.

Muito, muito, muito obrigada!



Quando era criança
Vivi, sem saber,
Só para hoje ter
aquela lembrança.

(Quando era criança – Fernando Pessoa)

RESUMO

O presente trabalho é uma narrativa poética e diferenciada, no qual tem como objetivo analisar a partir de protocolos e registros as oficinas de Teatro de Formas Animadas ministradas com as crianças do Quilombo Urbano Barranco de São Benedito, na cidade de Manaus. A pesquisa também contempla a história de tradição, fé e resistência aos festejos de São Benedito, santo padroeiro dos moradores do Quilombo. Assim, compartilho essa experiência de forma lúdica, leve e cheia de fantasias, como a infância deveria ser.

Palavras-chave: Teatro de Formas Animadas; Quilombo; São Benedito.

ABSTRACT

The present work is a poetic and differentiated narrative, in which it aims to analyze protocols and registers of the Theater of Animated Forms workshops taught with the children of Quilombo Urbano Barranco de São Benedito, in Manaus city. The research also contemplates the history of tradition, Faith and resistance to the festivities of St. Benedict, patron of Quilombo residents. In this way, I share this experience as light, fun, ludic and full of fantasies as childhood should be.

Keywords: Theater of Animated Forms; Quilombo; St. Benedict.

SUMÁRIO

1.	<i>Uma construção poética: De onde tudo começa...</i>	12
2.	<i>Quilombo Urbano Barranco de São Benedito: Tradição, fé e resistência.....</i>	20
2.1.	São Benedito dos pães, das flores, da criança e dos milagres.....	25
3.	<i>Tarde no Barranco Urbano de São Benedito.....</i>	27
3.1.	E eu achava que seriam sombras... ..	30
4.	<i>Analisando poesias.....</i>	34
	<i>Referências bibliográficas.....</i>	51
	<i>Anexo - A dramaturgia.....</i>	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Grupo das lendas e alguns jovens que faziam parte do processo. Foto: Arquivo Pessoal.....	13
Figura 2: Os índios na canoa. Iluminação do celular. Foto: Arquivo Pessoal.	14
Figura 3: Ensaio com a luz do projetor. Foto: Arquivo Pessoal.	15
Figura 4: Inserindo cores a partir do projetor. Foto: Arquivo Pessoal.	15
Figura 5: Iara, Terê, Tará e Tirí. Dia da apresentação. Foto: Leonardo Scantbelruy...	16
Figura 6: Terê, Tará e Tiri na canoa. Iluminação do projetor. Foto: Arquivo Pessoal. .	16
Figura 7: Homenagem feita ao Quilombo pelo governo do estado do Amazonas no dia da consciência negra. Foto: Arquivo Pessoal.....	20
Figura 8: Entre as casas do Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.....	22
Figura 9: Mastro levantado. Foto: Leonardo Scantbelruy	23
Figura 10: Mastro com as frutas. Foto: Leonardo Scantbelruy	24
Figura 11: A imagem de São Benedito que está no Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.	26
Figura 12: Pintura feita por um morador do Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.	26
Figura 13: Dia de oficina no Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.....	28
Figura 14: O mito da caverna. Foto: Internet.....	30
Figura 15: Projeção em tela. Foto: internet.	31
Figura 16: Espaço onde aconteciam as oficinas. Foto: Arquivo pessoal.	35
Figura 17: Oficina. Teatro improvisado. Abayomis. Dedoches. Foto: Arquivo pessoal.	38



Você já foi criança, eu sei.

Já foi em lugares onde ninguém mais seria capaz de ir.

Já achou que o mundo era feito de fantasias.

Você já foi criança, eu sei.

Já se lambuzou comendo algodão doce.

Já esperou o papai Noel até adormecer.

Já acreditou em fada dos dentes, coelhinho da páscoa e saci-pererê.

Você já foi criança, eu sei.

Já foi abraçado pela mãe quando caiu da bicicleta pela primeira vez.

Já saboreou o gosto da inocência.

Você já foi criança, eu sei.

Já brincou na vela quando a luz foi embora.

Já subiu em árvores e brincou em seus galhos.

Já teve um cobertor como melhor amigo nas noites escuras.

Você já foi criança, eu sei.

Já correu na rua.

Já tomou banho na chuva.

Já brincou sem ter hora pra acabar.

Você já foi criança, eu sei.

E agora, quem você é?

Quantas responsabilidades você tem?

Uma vez disseram-me que adulto podia fazer o que ele queria.

Ah, que saudade da minha infância...

De pular de amarelinha.

Pega-pega.

Pique esconde.

Onde está o mundo tão divertido que ele costumava ser?

E eu ainda me pergunto:

Quando foi que ganhamos tanta coragem para crescer?

Iluana Farias





OLÁ LEIT@R, TUDO BEM?

Meu nome é Criôla.

Eu sou a infância. Sou uma pequena parte das
boas lembranças de uma criança.

E você? Fique à vontade e apresente-se!

Nas próximas páginas você irá conhecer uma história. Uma história que começa lááááá pras bandas de onde o vento faz a curva. Você conhece esse lugar? Então, acomode-se no melhor lugar, pegue sua pipoca e vamos lá!



Esse trabalho é um lugar de poesias encontrado
não muito distante da curva da ilha.

Um lugar cheio de tradições que resiste ao
tempo. Um lugar chamado **Quilombo Urbano**
Barranco de São Benedito.

Por meados do mês de abril, uma menina
chamada Iluana foi convidada a conhecer esse
lugar, e lá levar suas experiências e reflexões a
partir do Teatro de Sombras para as crianças
que moram no lugar. Mas para que isso
acontecesse, muitas ideias foram se
transformando pelo caminho para que ela
pudesse chegar até lá.

Vivências, lembranças, afetações, curiosidades e
um lindo coletivo fizeram com que a mesma
continuasse no Quilombo e ali quisesse
permanecer.

Afinal, o que teria de tão mágico em um lugar?
Sorrisos? Abraços? Talvez nesse momento ela
não saiba ainda dizer, mas ela quer estar ali,
entrando pela porta da cozinha.



1.

UMA CONSTRUÇÃO POÉTICA: DE ONDE TUDO COMEÇA...

O interesse pelo **Teatro de Sombras** começou no ano 2015, quando a disciplina de Tópicos e Práticas Educativas Integradas, ministrada pela professora Amanda Ayres nos deu como proposta uma atividade com crianças e jovens da comunidade Colônia Antônio Aleixo e Colônia Terra Nova, uma parceria da Universidade do Estado do Amazonas - UEA com o Instituto Ler para Crescer.

Você deve estar se perguntando:

Afinal, o que é o Instituto "Ler para Crescer"?
É um projeto que visa levar formas de cultura para as crianças do interior do Amazonas e de comunidades mais carentes de Manaus.

A turma dividiu-se em três grupos, um ficaria responsável pelas crianças e dois pelos jovens. O grupo no qual eu fazia parte resolveu trabalhar com os jovens, um processo que seria de grande desafio. Tínhamos como integrantes os acadêmicos Diego Leonardo, Giese Rebelo, Ítalo de Almeida, Manuel Ferreira, Matheus Sabbá, Pricilla Conserva, Quézia Araújo e eu, Iluana Farias.

"Vivenciando a cultura popular por meio de jogos teatrais", foi o nome escolhido para o projeto que estava apenas começando.

Essa atividade consistia em um ano de oficinas que levariam a uma montagem final, construída coletivamente com jovens. Escolhemos então trabalhar com a contação de **Lendas Amazônicas** a partir do jogo dramático para que pudéssemos coletar material que seria utilizado como base do processo, aproveitando a oportunidade para envolvê-los em uma viagem única.



Figura 1: Grupo das lendas e alguns jovens que faziam parte do processo. Foto: Arquivo Pessoal

As aulas aconteciam todas as quartas feiras na própria UEA durante esse período. Nesse processo, os jovens eram estimulados pelos mestres-encenadores¹ não apenas na interpretação, mas para a construção de todo o processo que tivemos ao longo do ano de 2015.

A partir dos encontros realizados, a relação dos jovens com o contexto proposto pelo projeto foi aprimorada, situando-os e trabalhando com jogos teatrais onde foram inseridos em situações, propostas e também em um espaço criativo onde puderam aguçar suas habilidades. Os jovens experienciaram a leitura de histórias através de imagens, sons e encenação em que o narrar de uma história pode comunicar sob diversas perspectivas de linguagem. A partir disso, uma dramaturgia então surgia por meio do olhar sensível dos jovens, o que foi de fundamental importância para que chegássemos ao nosso resultado.

Para que pudéssemos administrar nosso tempo da melhor forma possível, resolvemos dividir o grupo que, carinhosamente chamamos de “grupo das lendas”. Assim, cada um poderia **experimentar** algo novo e também trabalhar suas habilidades, porém, sempre ajudando um ao outro. Nos

¹ Segundo MARTINS (2002), mestre-encenador é o exercício de uma didática não depositária, no sentido atribuído por Paulo Freire: partir do respeito ao universo do grupo, estimulando a apreensão de novos enfoques e práticas, pois é através do diálogo que o indivíduo constrói o conhecimento e avalia seu aprendizado.

organizamos então da seguinte maneira: Maquiagem (Matheus Sabbá), figurino (coletivo), sonoplastia (Diego Leonardo), direção (Manuel Ferreira), dramaturgia (Pricilla Conserva), cenografia (Matheus Sabbá e Quézia Araújo), iluminação (Ilwana Farias e Giese Rebelo) e produção (Quézia Araújo).

Porém, no início do segundo semestre do ano de 2015 com o processo em andamento o grupo não estava tão contente quanto deveria com a escolha do caminho que estava seguindo em relação a montagem, foi então que em meio a uma conversa durante um dos encontros que surgiu a ideia de trabalhar com o **Teatro de Sombras**, que logo foi abraçada pelo grupo e colocada em prática com alguns testes. No início era um desafio, afinal a experiência em relação à sombra era nula. Começamos novas pesquisas que pudessem contribuir ao que já se vinha produzindo durante o primeiro semestre juntamente com os jovens. Começamos com o reconhecimento da iluminação através das lanternas do celular em um pedaço de tecido branco.

Como podemos observar na imagem abaixo, que a luz por ser muito fraca não contemplava o que realmente queríamos como proposta. E as pesquisas continuavam...



Figura 2: Os índios na canoa. Iluminação do celular. Foto: Arquivo Pessoal.

Sem muito recurso financeiro e após alguns encontros e testes chegamos ao projetor iluminando, e o que antes era um pequeno tecido branco, ganhou um novo tamanho e forma para que pudéssemos de forma lúdica conhecer as possibilidades. Isso foi o que mais se aproximou do que tínhamos como proposta de acordo com as pesquisas realizadas.



Figura 3: Ensaio com a luz do projetor. Foto: Arquivo Pessoal.



Figura 4: Inserindo cores a partir do projetor. Foto: Arquivo Pessoal.

A partir do corpo de silhuetas feitas com papel e varetas, foi surgindo o espetáculo: “O mistério das lendas: A história nunca contada”².

Você pode encontrar a dramaturgia
construída por eles em anexo, no final desse
trabalho.

Lá pelas bandas da curva da ilha...

² Dramaturgia desenvolvida por Pricilla Conserva a partir das provocações apresentadas pelos jovens ao longo das oficinas. Disponível na página: 51.



Figura 5: Iara, Terê, Tará e Tirí. Dia da apresentação. Foto: Leonardo Scantbelruy



Figura 6: Terê, Tará e Tiri na canoa. Iluminação do projetor. Foto: Arquivo Pessoal.

Um processo engrandecedor e mágico, com uma enorme importância para a minha escolha no caminho da licenciatura. Em 2014, ao chegar na UEA, sonhava com outras possibilidades e hoje percebo o quanto cresci. Quanto mais eu pesquiso e vivencio percebo que a luz é transformadora e fundamental dentro e fora de um espetáculo. Quando eu vi pela primeira vez um pequeno índio de papelão tomando forma atrás de um pano branco, o Teatro fez cada vez mais sentido para mim. Quando eu vi a possibilidade de universo a partir de uma **LUZ**, eu me encantei.

Buscando continuar minha pesquisa com o **Teatro de Sombras**, uma nova história irá se iniciar pertinho da UEA, o Quilombo Urbano Barranco de São Benedito.

Um lugar cheio de resistência e com gente do sorriso e do abraço acolhedor.



Talvez você esteja se perguntando nesse momento o que a Colônia Antônio Aleixo e Terra Nova tem a ver com o Quilombo. Talvez agora não faça muito sentido para você.

Talvez, nunca faça. Cada lugar um indivíduo, cada indivíduo, uma história.

Você já tentou conhecer?

Teatro.

Resistência.

Comunidade.

Resistência.

Teatro na comunidade.

Resistência.



BENEDITO, O QUE TU TENS?³



³ Pergunta feita a São Benedito por um franciscano quando ele carregava a cesta com os pães para ser levada aos mais humildes. Pessoas da comunidade ainda utilizam a mesma quando contam a história do santo.

2. **QUILOMBO URBANO BARRANCO DE SÃO BENEDITO: TRADIÇÃO, FÉ E RESISTÊNCIA**



Figura 7: Homenagem feita ao Quilombo pelo governo do estado do Amazonas no dia da consciência negra. Foto: Arquivo Pessoal.

Algum tempo após a abolição da escravidão no Brasil, em 1980 o governador Eduardo Ribeiro⁴, precisava de mão de obra para construções em Manaus, tais como: Porto de Manaus, Teatro Amazonas e Santa Casa de Misericórdia. Para que os brancos não precisassem trabalhar braçalmente, o governador começou a trazer os negros do Maranhão, afinal, era uma mão de obra barata e apesar de não ter mais o nome, poderíamos considerar ainda escrava.

Em meio a esses negros vieram, Manoel, Antão (conhecido também como mestre Antão) e Raimundo, que eram tios da crioula Keilah⁵ do Quilombo, que gentilmente me contou um pouco da história do local. Uma história passada de pai para filho para que se mantenha viva as tradições, contada por 5 gerações

⁴ Foi governador do Amazonas, de 2 de novembro de 1890 a 5 de maio de 1891 e de 27 de fevereiro de 1892 a 23 de julho de 1896.

⁵ Presidente da Associação de Crioulas do Quilombo Urbano Barranco Urbano de São Benedito.

até agora. Foi a partir de conversas com a crioula que fui capaz de conhecer mais sobre o Quilombo.

Manoel, Antão e Raimundo (suas profissões: marceneiro, ferreiro e construção naval) eram filhos de uma ex-escrava carinhosamente chamada por Keilah de vó Severa.

Refletindo:

Não se nascia escravo, era uma condição imposta por um terceiro ou pelo sistema da época.

Quando vó Severa veio do Maranhão para Manaus, veio acompanhando uma senhora conhecida como a mãe de Felipe Backman. Foi quando a vó chegou aqui, que a mãe do tal garoto lhe presenteou com a imagem do São Benedito, que está há 127 anos presente na comunidade, espaço em que acontecem os festejos em homenagem a ele.

A comunidade já passou por muitas mudanças, principalmente quando falamos de religião. Hoje, eles não possuem mais terreiros de candomblé⁶ e as pessoas que eram envolvidas com essa religião e que viviam ali, já morreram. Atualmente são apenas simpatizantes, mas a comunidade é praticamente toda católica, se mantendo em meio a poucas casas em meio a um centro comercial na Praça 14 de Janeiro.

⁶ É um culto ou religião de origem africana que foi trazida para o Brasil pelos escravos. Os seguidores do candomblé prestam culto e adoram os orixás, que são deuses ou divindades africanas que representam as forças da Natureza.



Figura 8: Entre as casas do Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.

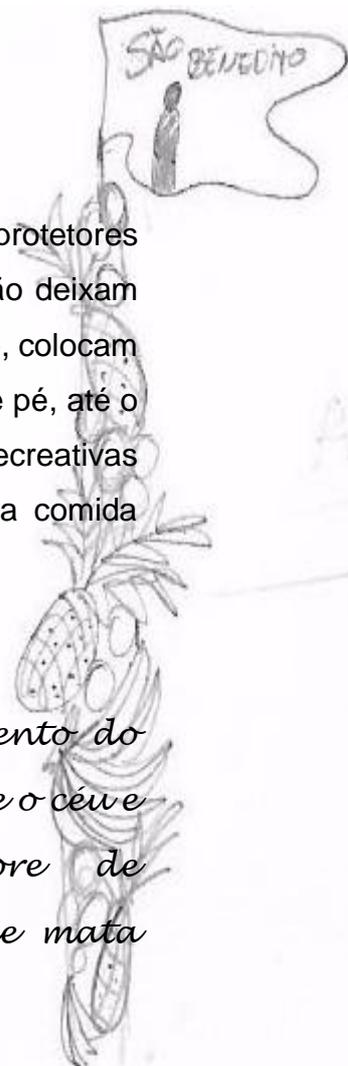
Porém, as lutas por algumas tradições ainda se mantêm vivas. Uma delas é a do levantamento do mastro, realizado anualmente na semana santa, mais precisamente no sábado de aleluia. Tudo isso para a festa de São Benedito, que é herança da migração negra Maranhense ocorrida há mais de 127 anos, com o fim da escravidão.

Afinal, o que acontece?

Moradores do Quilombo vão até a mata, pedem licença aos protetores da floresta e retiram dali uma árvore, que servirá como mastro. Então deixam como agradecimento bebidas e frutas. Ao voltarem para a comunidade, colocam frutas no mastro e o erguem. Esse mesmo fica durante nove noites de pé, até o dia do festejo para o santo. No dia da festa, há diversas atividades recreativas na comunidade para as crianças e os adultos. A tradição de muita comida também não pode faltar.

SILVA (2011, pág 127) nos diz que:

“O início do festejo começa com o “levantamento do mastro” que, segundo dizem, significa a “ligação entre o céu e a terra”. Trata-se de um tronco de árvore de aproximadamente 11 metros de altura, extraída de mata



alguns dias antes da festa. Antes de ser levantado o mastro, em frente à casa de um dos festeiros mais antigos. Os organizadores do evento se ocupam em enfeitá-lo com folhagens e frutas verdes, e, no cume colocam uma bandeira com São Benedito estampado. Depois o mastro é levantado e tem o início ao ciclo de nove noites de orações até o dia da festa.”



Figura 9: Mastro levantado. Foto: Leonardo Scantbelruy

Vale ressaltar que no fim da festa há uma procissão seguida de uma missa em homenagem a São Benedito.



Figura 10: Mastro com as frutas. Foto: Leonardo Scantbelruy

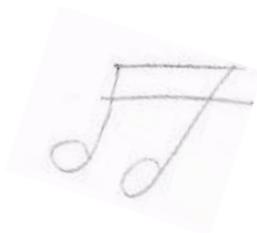
Hoje, o orgulho da comunidade não é lamentar o passado tão sofrido do negro, mas ver que os negros hoje são estudados e tem formação e que os negros da comunidade têm ganhado cada vez mais espaço dentro de suas profissões, o que não acontecia antigamente.

Não é novidade, mas vale sempre ressaltar: ser negro no Brasil não é fácil.

O período colonial-escravocrata deixou o racismo como uma de suas maiores e mais dolorosas heranças. No nosso contexto atual, o negro conquista seu espaço orgulhosamente, mostrando que tem garra, força e orgulho.

Como diz Jorge Ben em sua canção:

" Negro é lindo, negro é amor, negro é amigo, negro também é filho de Deus"



2.1

SÃO BENEDITO DOS PÃES, DAS FLORES, DA CRIANÇA E DOS MILAGRES

São Benedito, conhecido como o padroeiro dos pobres e dos mais humildes, nasceu em São Filadelfo, próximo de Messina, na Itália, em 1526. Aos 18 anos, tornou-se eremita, vivendo solitário em cavernas. Aos 38 anos, tornou-se irmão franciscano em um convento onde exercia ofício de guardião e cozinheiro do convento. Apesar de ser analfabeto, Benedito era um homem muito sábio, e isso surpreendia a todos.

Existem várias imagens de São Benedito espalhadas pelo mundo. As mais comuns encontradas são as que ele possui pães e uma criança nos braços, que alguns dizem ser o menino Jesus.

A primeira história que conheci foi do santo com os pães. Contam que: como Benedito trabalhava na cozinha, ele costumava colocar em uma cesta o que sobrava dos pães para dar às pessoas mais humildes. Certa vez, um franciscano perguntou:

- Benedito, o que tu levas aí?
- Flores. – Disse ele.
- Tira o pano que eu quero ver!



Foi então que ao tirar o pano o franciscano viu flores ao invés de pães, e esse foi considerado o primeiro milagre feito por ele. Conta-se também que existem poucas imagens do santo com flores. Porém, no Quilombo a imagem é muito especial, pois ela foi toda esculpida em um tipo de madeira chamada “pau d’angola”, trazida de Portugal para o Maranhão por escravos negros e do Maranhão para Manaus. Vale ressaltar que na imagem esculpida, o santo está carregando flores.



Figura 11: A imagem de São Benedito que está no Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.

A outra história conhecida foi de uma criança que estava muito doente, morrendo. Chamaram Benedito para rezar nela. Ao colocá-la em seus braços a criança logo ficou boa e voltou a vida, o que explica também a imagem de São Benedito com a criança em seus braços. Outro milagre realizado pelo santo.



Figura 12: Pintura feita por um morador do Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.

Algumas pessoas afirmam até hoje que quando pedem algum milagre ao santo e ele atende a prece, sentem cheiro de flores. Isso acontece principalmente no local onde ele encontra-se enterrado, que fica na Itália.

São Benedito faleceu em 1589, mas somente em 1807 com o clamor de seus devotos negros, foi canonizado.



3.

TARDE NO QUILOMBO URBANO BARRANCO DE SÃO BENDITO

Inicialmente as oficinas de **Teatro de Sombras** no Quilombo Urbano Barranco de São Benedito foram pensadas para que jovens tivessem a oportunidade de conhecer sobre nossas lendas, para que pudessem a partir desse conhecimento ter uma maior apropriação da cultura nortista.

Abreu (2011), nos conta que:

Para se definir cultura, vale considerar a consciência que um coletivo tem sobre si mesmo.

Então o objetivo inicial era a difusão das Lendas para esses indivíduos a partir do **Teatro de Sombras**. Essa técnica estimularia a criatividade dos jovens, pois seria uma forma de interligar a narrativa de uma lenda à construção de um personagem, através do movimento das silhuetas na sombra. Assim, contar uma Lenda seria uma forma lúdica e diferenciada de entender o contexto amazônico apropriando-se dessa técnica milenar.

Tudo muito bonito, não é mesmo?

Comecei a frequentar o Quilombo por volta do mês de abril, em uma venda de peixe frito que houve no local. Desde então, antes de iniciar qualquer tipo de contato com os jovens do local, comecei a conhecer um pouco mais da cultura, crenças, resistências e histórias já presente lá. Foi então que percebi que minha pesquisa estava tomando novos caminhos. Um lugar tão rico

culturalmente não poderia ser deixado de lado, e a história de São Benedito precisava ser contada, afinal, durante conversas com a Keilah, soube que muitos jovens que ali moram, não conheciam a própria riqueza cultural que o Quilombo tem, mesmo que, as histórias fossem contadas de geração para geração. Então, decidi que as oficinas de **Teatro de Sombras** seria uma excelente oportunidade de resgate da própria cultura do Quilombo. Afinal, eu também estava chegando ali e não conhecia muito, busquei ler e conversar com algumas moradoras do local, o que me motivou a continuar pesquisando.

Mas durante esse crescimento, eu não estive sozinha. Leonardo Scantbelruy, um parceiro que o estágio me deu, sempre esteve comigo. Pesquisamos **juntos**, conhecemos **juntos**, crescemos **juntos**, nos encantamos **juntos**, sofremos **juntos**, sonhamos **juntos**, vivenciamos **juntos** e continuamos **juntos**.

Afinal, o que é estágio? O estágio é uma disciplina da faculdade que tem como objetivo complementar a aprendizagem através da vivência.

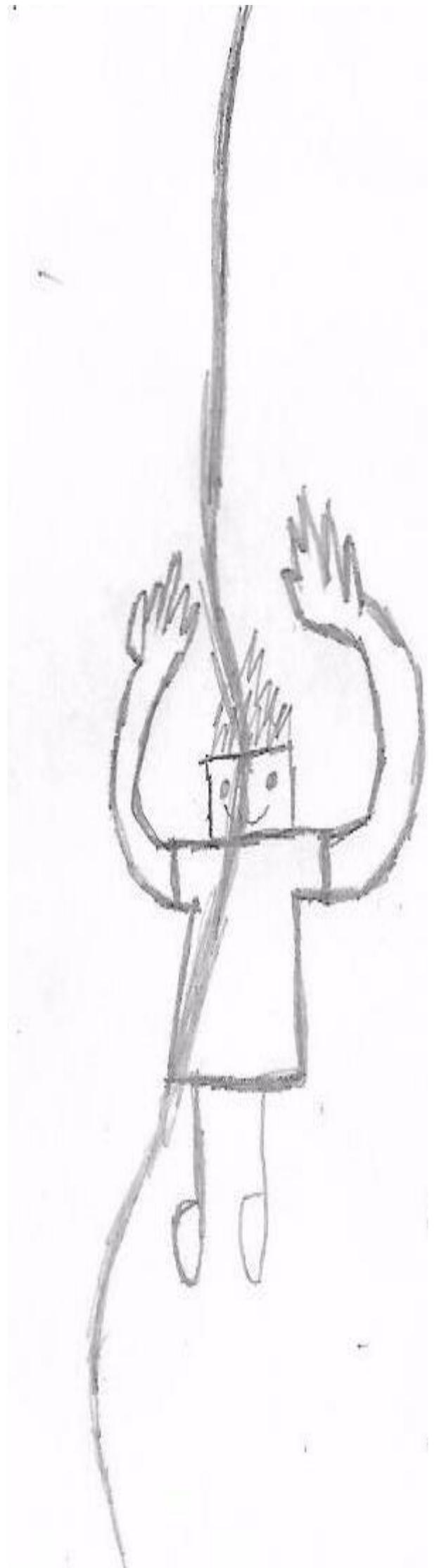
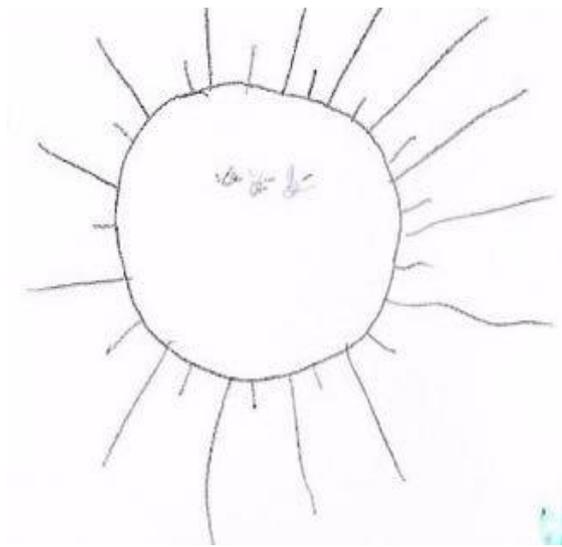
Dois mundos e pesquisas diferentes, que acabaram se unindo sem que a gente pudesse perceber.

ELE, O TECIDO

EU, A LUZ



Figura 13: Dia de oficina no Quilombo. Foto: Arquivo Pessoal.



3.1

E EU ACHAVA QUE SERIAM SOMBRAS...

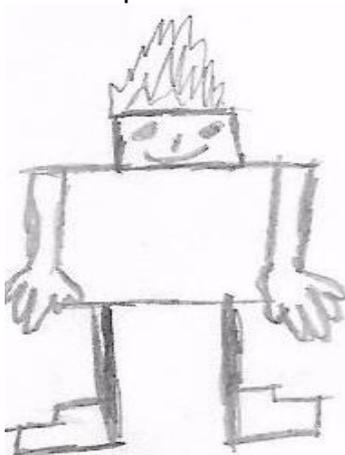


Figura 14: O mito da caverna. Foto: Internet.

Platão (408 a.C.), nos conta:

*“Os habitantes da caverna nada poderiam ver além das **SOMBRAS** das pequenas estátuas **PROJETADAS** no fundo da caverna e ouviriam apenas o eco das vozes. Entretanto, por nunca terem visto outra coisa, eles acreditariam que aquelas **SOMBRAS**, que eram cópias imperfeitas de objetos reais, eram a única e verdadeira realidade e que o eco das vozes seriam o som real das vozes emitidas pelas **SOMBRAS**. ”*

A sombra reflete assim a grande questão humana: da transformação de tudo que é vivo. E como a sombra ganha vida no momento em que é projetada, é passível também transformar-se e assumir outra forma.



Então, vou te contar uma coisa:

As sombras evocam a fragilidade, o cômico da vida, o carinho pelos destinos que podem se quebrar como cascas de ovos. Ao mesmo tempo,

elas contêm a força da liberdade, do humor, da ironia, do riso. Elas deslizam entre as grades, escapando dos torturadores, dos atormentados. (LESCOT, 1986 p.227)

Nas palavras de Lescot, podemos ver afinal, como matéria viva, mesmo que por instantes, a sombra é poesia, utiliza uns símbolos e decifra outros. É descoberta, é pesquisa, é experimentação, é conhecimento; é buscar novas maneiras de se expressar, de dizer, de tocar.

Na figura abaixo podemos ver que **Teatro de Sombras** se trata de uma representação em uma tela branca com um foco de luz aceso contrariamente para criar imagens. As imagens produzidas pelas silhuetas podem ter diversas cores e outros tipos de detalhes.

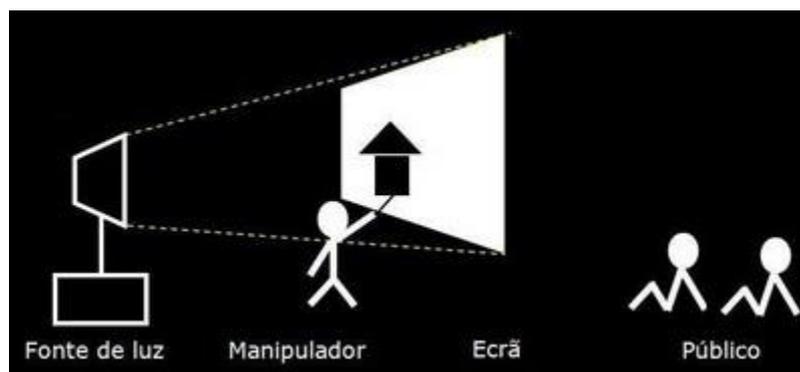


Figura 15: Projeção em tela. Foto: internet.

No dicionário do Teatro (2005), o significado do **Teatro de Sombras** é:

Espectáculo teatral em que a ação dramática é mostrada ou sugerida pelas sombras dos atores projetadas de fora, sobre tela translúcida. Esses atores podem ser figuras humanas ou bonecos recortados em cartolina; teatro de silhuetas”

Não há como dizer em que momento o **Teatro de Sombras** surgiu, pois, os homens na pré-história já se encantavam com sombras movendo-se nas paredes das cavernas.

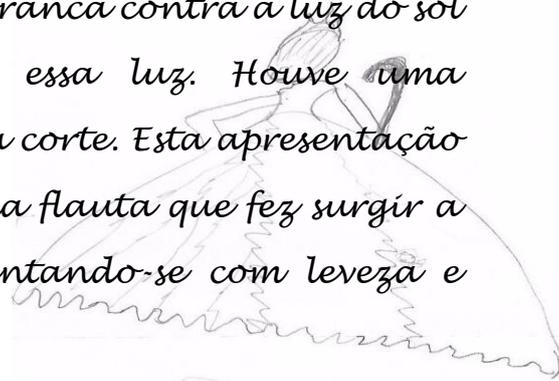
Fávero (2008) também nos relata uma outra versão do surgimento:

Lá vem história!

Já pegou sua pipoca?

Acomode-se!

Uma lenda chinesa diz que no ano 121, o imperador Wu Ti, da dinastia Han, desesperado com a morte de sua bailarina favorita, ordenou ao mago da corte que a trouxesse de volta do "reino das sombras", caso contrário, seria decapitado. O mago usando a imaginação com uma pele de peixe macia e transparente, fez a silhueta de uma bailarina. Com tudo preparado, o mago ordenou que no jardim do palácio, fosse armada uma cortina branca contra a luz do sol e que esta deixasse transparecer essa luz. Houve uma apresentação para o imperador e sua corte. Esta apresentação foi acompanhada de um som de uma flauta que fez surgir a sombra de uma bailarina movimentando-se com leveza e graciosidade.



De acordo com essa história teria então surgido o **Teatro de Sombras** nesse momento.

Legal, não?

Muitas histórias são contadas em relação ao **Teatro de Sombras**.

E se você tiver mais interesse em conhecer essas outras histórias, não precisa ir muito longe. No ano de 2016, Alessandra Lirah⁷ escreveu seu TCC contando um pouco sobre essa viagem mais distante. Você pode encontra-lo na biblioteca da ESAT pelo nome: “Oficinas de Teatro de Sombras com adolescentes da Comunidade Colônia Antônio Aleixo: Um lugar que chamei de país das maravilhas.”

Porém, com o tempo cheguei à conclusão de que o **Teatro de Sombras** vai muito além de uma contextualização. Vai além de palavras ditas ou escritas. Muito além da luz, do pano branco, do manipulador e do universo das formas animadas. Para mim, ele surgiu quando na verdade nem sabíamos denominar o que seria, quando o primeiro homem conseguiu faíscas com a fricção entre duas pedras. Quando os nossos antepassados ainda se expressavam por meio de pinturas nas cavernas. Sim! O **Teatro de Sombras** surgiu com as manifestações artísticas dos nossos antepassados próximos a fogueira para se aquecerem. É muito mais antigo do que podemos imaginar. É muito mais inocente.

Amaral (1997), também contribui nos contando sobre os primeiros contatos do homem primitivo com a sombra:

O homem primitivo atribuía os processos da natureza inanimada como sendo resultantes da ação de pequenos seres vivos que habitavam o âmago de cada fenômeno do mundo temporal. Assim, a vida de um animal era explicada por haver dentro dele outro animal vivo e menor que o movia. Da mesma forma, o homem também tinha dentro de si outro homenzinho que o fazia viver. Esse pequeno animal ou pequeno homem seria

⁷ Professora-pesquisadora formada em licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no ano de 2016.

a sua alma. Acreditava-se ainda que a sombra fosse o reflexo dessa alma. (FRAZER, 1963, apud, Amaral, p.84).

4.

ANALISANDO POESIAS

Ufaa, Ufaa!
 Quanta história tivemos até aqui, não é
 mesmo?
 Mas ainda não acabou! E a viagem está
 ficando cada vez mais interessante...

As oficinas de **Teatro de Sombras** no Quilombo, começaram na metade deste ano.

Estamos em 2017, só para situar.

Eu, em todo meu período acadêmico, fui oportunizada a dar as oficinas de **Teatro de Sombras** no meu estágio, na disciplina de tópicos (*e agora no Quilombo*). Apesar de todas as dificuldades estruturais das instituições escolares, de alguma forma eu me mantinha em uma bolha de conforto. Afinal, eu tinha a *minha* sala, a *minha* turma fixa, o *meu* tecido e a *minha* luz. Tudo era facilitado, ou parecia ser.

Porém, nada foi muito fácil ao chegar no Quilombo. Lá, eu me enxerguei em um novo e rico universo, um espaço que era totalmente desconhecido para mim. Um espaço a céu aberto, onde a **LUZ** e muitas experiências já existiam.

Abreu (2011) também nos conta que:

A proposta, no campo de formação de professores essa abertura é muito favorável, já que deve fazer parte da rotina do professor a inclusão da trajetória e da experiência de seus

alunos no processo de planejamento e execução das atividades de ensino e aprendizagem.

Pensar nas experiências já existentes em cada jovem para que eu pudesse planejar minhas aulas, foi de suma importância. A cada aula, um novo aprendizado.

Tudo se modificava...



Figura 16: Espaço onde aconteciam as oficinas. Foto: Arquivo pessoal.

Me vi *correndo* atrás de novas maneiras para tentar contemplar minha área de pesquisa, sem muito sucesso. Afinal, para se ter sombra, precisa se ter um espaço fechado, escuro, onde a mágica possa surgir com um pequeno foco de luz.

E o Quilombo é um lugar muito iluminado.

Salve São Benedito!

Uma das tentativas, foi deixar que a noite chegasse para que eu pudesse ligar o meu foco de luz, porém, sem sucesso. As crianças começaram a se

dispersar, a luz externa que vinha de casas e da rua interferia no processo e não permitia com que as sombras se formassem no tecido ali colocado.

Pensa... pensa.. pensa...

No meio do *caminho* tinha uma **ABAYOMI**,
no meio da **ABAYOMI**, tinha um *caminho*.

(Amanda e Leonardo)

EBA! EBA! EBA! **UM CAMINHO!**

Dentro da cultura afro, existe uma boneca muito significativa, conhecida como **abayomi**.

Conta-nos uma história africana que os negros confeccionavam abayomis como amuleto de proteção.

Em viagens para o Brasil em direção a escravidão as mulheres rasgavam a barra de suas saias e faziam as bonecas para seus filhos brincassem. (Keilah Fonseca)

Já ouvi falar até que essas mães quando chegavam no Brasil eram separadas de suas crianças pelos cruéis portugueses que aqui estavam e que anos depois reencontravam seus filhos ao reconhecerem a boneca que haviam feito.

Mas afinal, o que significa a palavra

ABAYOMI?

ABAY: encontro

OMI: precioso

Hoje essas tão significativas bonecas são confeccionadas no Quilombo Urbano de São Benedito pelas crioulas.

Foi então que, depois de ganhar uma dessas bonecas da crioula Keilah, que a lâmpada que estava apagada em mim, acendeu. Em casa encontrei alguns dedoches⁸ e tudo começava a se conectar... **Axé! Axé! SALVE SÃO BENEDITO!** Eu só precisava de uma estrutura para montar um Teatro e testar novas possibilidades.

Uma caixa. Papel manteiga.

TEATRO!

FORMAS ANIMADAS!⁹

VAMOS TESTAR!

⁸ São fantoches utilizados nos dedos que podem ser usados para contar histórias e fazer teatro infantil.

⁹ É um gênero teatral que inclui bonecos, máscaras, objetos, formas ou sombras.

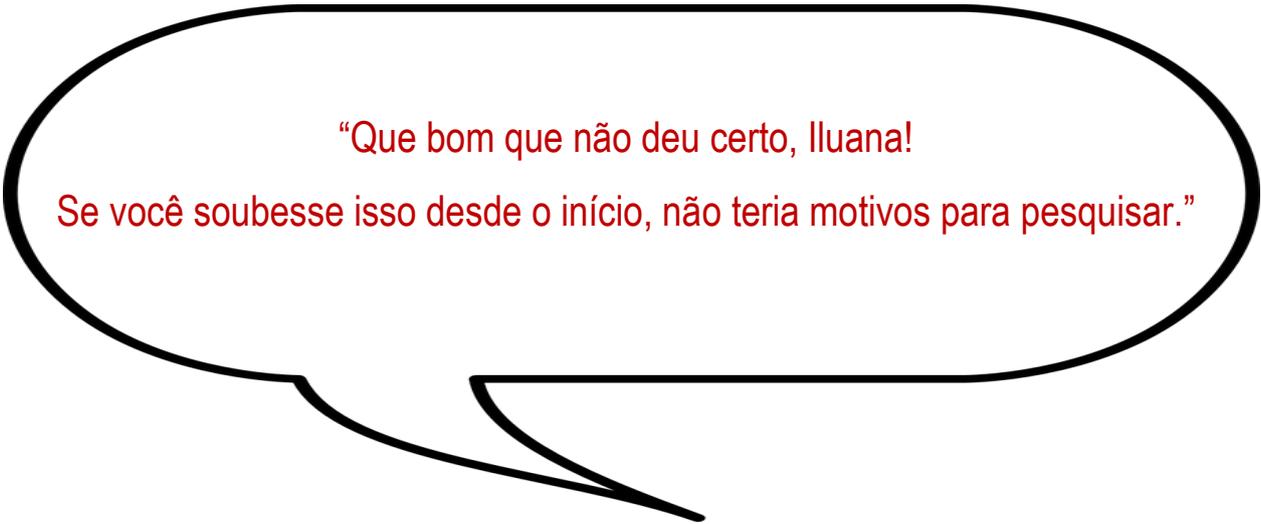


Figura 17: Oficina. Teatro improvisado. Abayomis. Dedoches. Foto: Arquivo pessoal.

- ✓ Abayomi
- ✓ Dedoches
- ✗ Sombra

Me senti muito desanimada com mais uma tentativa sem sucesso. Tentei refletir os motivos, me culpei pelo *fracasso* diversas vezes, até porque as oficinas do meu amigo estavam “muito bem, obrigada”. A culpa então deveria ser minha.

Em uma conversa com a minha orientadora desse processo, Amanda Ayres, falei que nada estava dando certo, que nenhuma das minhas propostas funcionavam. Que por mais que eu tentasse, nada parecia sair do lugar. Uma frase foi me dita por ela, e me fez refletir:



“Que bom que não deu certo, Iluana!
Se você soubesse isso desde o início, não teria motivos para pesquisar.”

Foi então que eu percebi que a minha tentativa com a sombra tinha se transformado em um universo muito maior. Eu estava realmente trabalhando com oficinas de **Teatro de Formas Animadas**, que sensacional! Enquanto isso, eu não me dava conta de que isso estava acontecendo.

A sombra é um dos gêneros ligados ao Teatro de formas animadas e isso explica o motivo de tanta demora para entender o que na verdade estava sendo trabalhado.

Merisio (2009), nos conta que:

“Fazem parte do campo das formas animadas, máscaras, bonecos, sombras e objetos. Estes, quando apresentados isoladamente podem ser compreendidos como

gêneros teatrais específicos, mas quando conjugados, constituem o teatro de formas animadas. ”

Você consegue perceber que o mundo de possibilidades estava em minhas mãos? Dedoches, sombra, abayomis. Tudo em extrema conexão. Que coisa maravilhosa!

Ana Maria Amaral (1997, p.15) também contribui dizendo que o **Teatro de Formas Animadas** é o termo empregado para designar:

“ O gênero teatral que inclui bonecos, máscaras, objetos, formas ou sombras, representando o homem, o animal ou ideias abstratas. “

Costumo sempre dizer que no **Teatro de Formas Animadas**, tudo é possível!

Nesse tipo de Teatro é imprescindível que haja alguém para a manipulação dos objetos, afinal, esse manipulador irá transferir sua energia para a matéria que está sendo manipulada gerando dessa forma, ações que vão levar o público a entender o que está querendo dizer, o que aconteceu nitidamente no Quilombo, principalmente em relação aos dedoches e as abayomis quando manipulados pelas crianças.

Cada vez mais essa linguagem vem sendo descoberta por artistas que a transformam e a estudam. A produção de espetáculos teatrais com formas animadas para público adulto, bem como a mistura e hibridização desta linguagem com outros gêneros, é uma realidade contemporânea, embora, em diversas regiões do país, ainda encontremos vivas manifestações cênicas tradicionais.

No Brasil, o **Teatro de Formas Animadas** mais especificamente de bonecos esteve por mais tempo ligado às suas tradições que seus correlatos em países europeus. Entre nós, somente nas últimas décadas essas transformações se tornaram significativas, pois, até então, os espetáculos eram dirigidos

coletivamente e de modo empírico ou espontâneo e, a partir disso, o bonequeiro, que antes era responsável por todas as etapas – atuação, criação, direção, produção e concepção sonora do espetáculo – passou a fragmentar suas funções, a dividi-las com outros artistas.

Depois de perceber que nada mais se concentrava apenas nas **sombras**, peguei alguns protocolos das oficinas ministradas no Quilombo e comecei a ver um a um. E que grata surpresa!

Japiassu (2001), nos conta que:

Os protocolos são as coisas que o aluno quer dizer sobre o que vivenciou nas aulas de teatro. Eles se referem sempre à última sessão de trabalho e costumam ser apresentados quando tem início um novo encontro, durante o círculo de discussão inicial.

O protocolo não precisa ser denominado exclusivamente de “protocolo”. É possível referir-se a ele como “jornal”, “lembrança”, “memória” ou ainda “história” das coisas que ocorrem na sessão de trabalho.

Minha proposta inicial não tinha dado nada certo, mas o conhecimento, a história, o pertencimento estava claro em cada linha, de cada protocolo.

EBA! EBA! EBA!

Percebi como eles evoluíram a cada dia, com cada oficina, com cada palavra.

Me acompanhe, venha conhecer esse mundo
tão mágico.

O que antes eram árvores, pássaros e casas...

Nossos primeiros encontros foram momentos de diálogo. Precisávamos nos conhecer, ouvir o que cada um sabia e gostaria de contar, afinal era de suma importância conhecer sobre os jovens com quem íamos trabalhar.

Vale ressaltar que poucos jovens eram realmente fixos no processo, sempre tinham sorrisos novos e alguns deles não iam todos os sábados.

Nos protocolos abaixo podemos notar que, na maioria existem casas e árvores, sem relação ao contexto histórico do Quilombo. Os protocolos eram livres, e cada um fazia o que sentisse vontade.





Começou a se transformar em....

PERTENCIMENTO

Com cada encontro e atividade proposta a evolução era nítida.

Já não eram apenas casas e árvores que estavam sendo colocadas nos protocolos, histórias começavam a ser contadas.

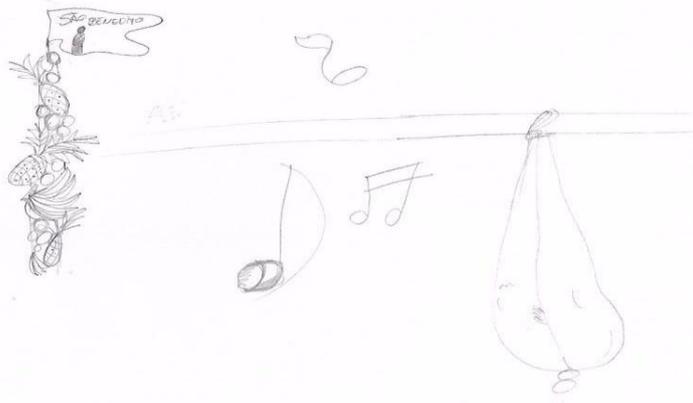
Interesse e empolgação para nossos encontros também aumentavam!

Isso é maravilhoso, não é mesmo?

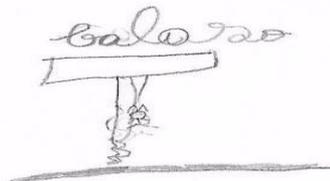
No desenho abaixo percebemos claramente o mastro do festejo de São Benedito, o próprio santo e Guguta, uma senhora que morava no Quilombo, falecida a pouco tempo. A igreja que está no desenho, provavelmente é a do bairro da Praça 14.



Nas imagens abaixo, podemos ver São Benedito das flores e dos **pães**. Também vemos outros mastros do festejo e notas musicais, que provavelmente representam o pagode que acontece aos sábados no Quilombo. Em um dos protocolos você lê: **“Pão Torrado”**, que é o nome de um grupo de pagode do Quilombo.



bololeta Pão torrado
 bolota con.
 Pagode do kamma
 Quilombo do
 Lorraineo do



As coisas estavam dando mais certo do que se imaginava. Basta olhar cada protocolo, cada simples traço rabiscado em uma folha de papel...

É encantador e gratificante o que a licenciatura estava me proporcionando. Ver tudo aquilo tomar forma, ver tudo evoluir, ver a diferença. Veja abaixo os dedoches, cada com um olhar diferente, cada um contando uma história.





Quantos dedoches lindos, não é?

A oficina deu certo!

Vale ressaltar que em cada história contada, Keilah também faz parte dela. Sempre disposta a compartilhar, contribuir e ajudar com o que fosse necessário.

São tantas imagens lindas registradas durante esse processo, que se torna muito difícil escolher apenas algumas para mostrar.

Deixo para vocês um CD com essas imagens, fique à vontade para se encantar assim como eu. Em anexo, ok?

Meus objetivos iniciais não foram bem-sucedidos como eu gostaria, o **Teatro de Sombras** não teve sombras, mas durante esse processo foram construídos novos objetivos, afinal, esse processo não acaba com a finalização dessas páginas.

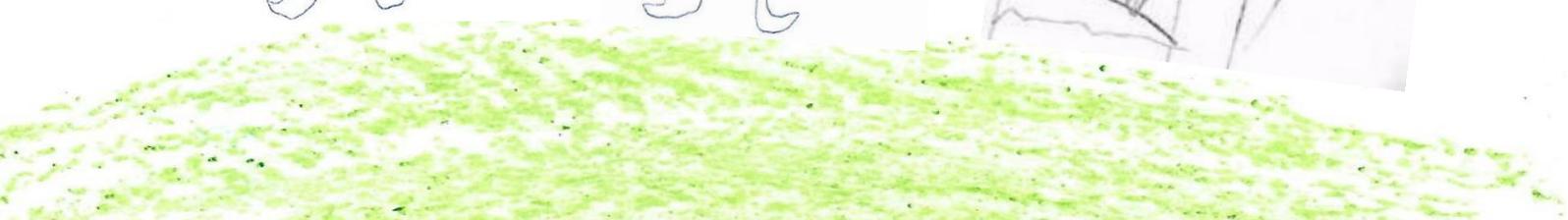
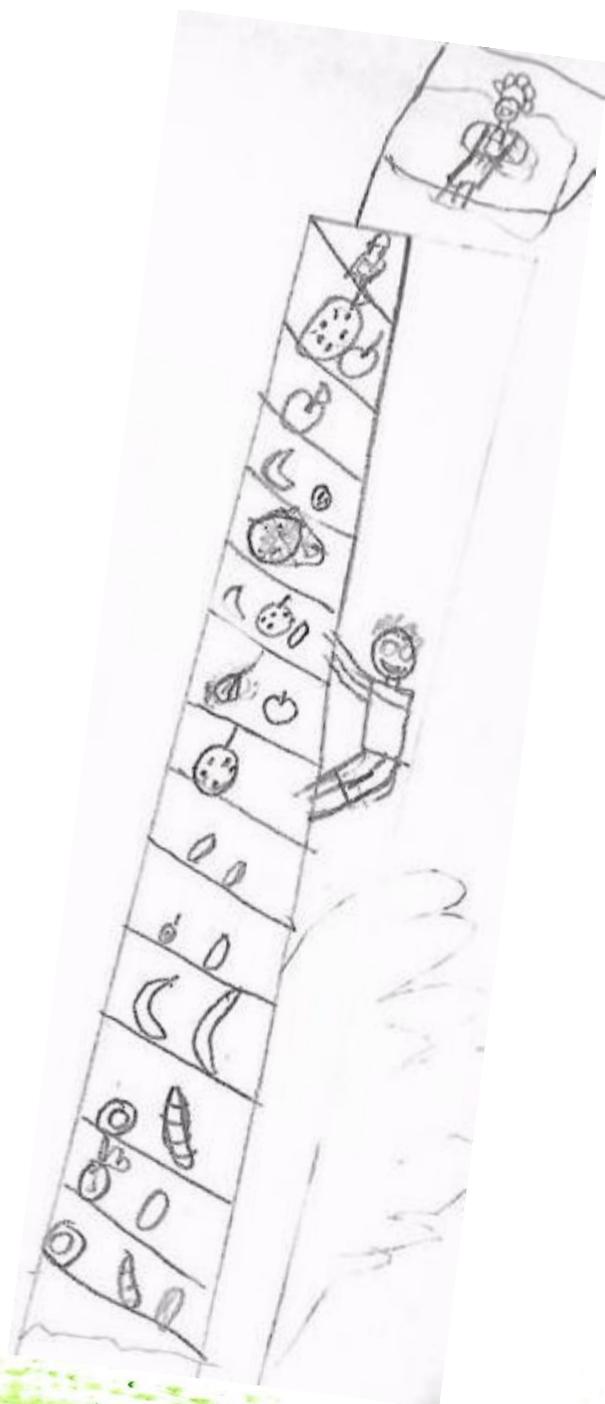
Saí da minha bolha de conforto e aqui estou eu, cheia de vontade de continuar. Nesse momento nem tudo foi como eu queria, mas encontrei novas formas de seguir. Cresci e aprendi muito! O processo não acaba aqui, um vínculo foi criado e tudo está apenas começando...

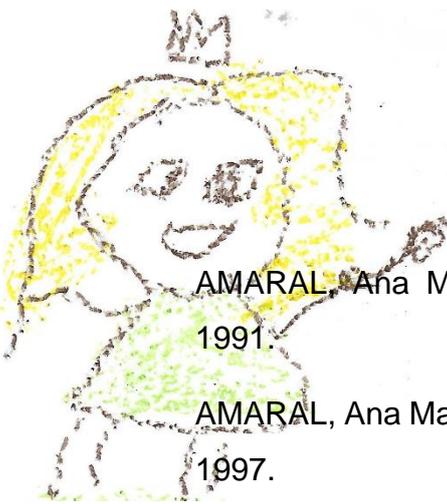


**E ENTÃO, ME PERGUNTARAM
COMO SE ESCREVE AMOR....**

(Leonardo Scantbelruy)

A gente precisa de poesia dentro da gente.
De alma perfumada e riso de criança.
Às vezes o córrego da vida precisa de sorrisos,
que nos desperte dias felizes...





REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de formas animadas**. São Paulo: Edusp, 1991.

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de animação**. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2005.

BRANDÃO, Ascânio. **São Benedito, o santo preto**. Florianópolis: Santuário, 1987.

BERTOLDO, Margot. **História Mundial do Teatro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BELTRAME, V.O. **Teatro de Sombras: Técnica e Liguagem**. Disponível em: <<http://www.ceart.udesc.br/pesquisa/Cenicas/Valmor%20B%20-%20AC.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido: e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.

FÁVERO, Alexandre. **Dramaturgia da sombra**. In: Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Jaraquá do Sul: SCAR/UEDESC, ano 8, v. 9, 2012.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas. SP: Papirus, 2001.

KANABBEN, Julie. **Experiências Didáticas com o teatro de sombras.** Nupeart, Núcleo Pedagógico de Educação e Arte. Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2650/1960>. Acesso em: 06 de julho de 2017.



MARTINS, Marcos Bulhões. **O mestre-encenador e o ator como dramaturgo.** Sala Preta, Brasil, v. 2, p. 240-246, nov. 2002. ISSN 2238-3867. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57097/60085>. Acesso em: 20 aug. 2017

MONTECCHI, Fabrício. **Em busca de uma identidade: reflexões sobre o Teatro de Sombras contemporâneo.** In: Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Jaraquá do Sul: SCAR/UDESC, ano 8, v. 9, 2012. Tradução de Adriana Aikawa da Silveira Andrade.



OLIVEIRA, Fabiana Lazzari. **Reflexões sobre o ator-sombrista: de um teatro de sombras tradicional para um teatro de sombras contemporâneo.** Disponível em: <https://coletivociganos.wordpress.com/revista-eletronica/reflexoes-sobre-%E2%80%99Co-ator-sombrista%E2%80%99D-de-um-teatro-de-sombras-tradicional-para-um-teatro-de-sombras-contemporaneo/>. Acesso em: 06 de julho de 2017.

OLIVEIRA, Joana Abreu. **Módulo 26: Arte e Cultura Popular.** 1ed. Brasília: UnB/ARTECOR, 2011. v. 1. 81p.

SAMPAIO, Patrícia M. (org.). **O fim do silêncio – presença negra na Amazônia.** Belém: Açai / CNPq, 2011.



TEIXEIRA, Uiratam. **Dicionário de teatro**. São Luís: Editora Instituto Geia, 2005.

MERISIO, Paulo. **Módulo 15: Laboratório de Teatro 3**. Brasília: Artes gráficas e editora pontual LTDA, 2009

MIRANDA, Felipe. **Considerações sobre o teatro de formas animadas**. Disponível em: <<http://ciaentretramas.blogspot.com.br/p/consideracoes-sobre-o-teatro-de-forma.html>>. Acesso em: 06 de julho de 2017.

ANEXO

A DRAMATURGIA



Ebaaa!!

Você ainda lembra da dramaturgia que foi construída pelas crianças da Colônia Antônio Aleixo e da Terra Nova na disciplina de tópicos?

Finalmente chegou a hora de conhecer um pouco de onde tudo começou.

Fique à vontade, conheça esses pequenos-grandes índios corajosos e aventure-se com eles!

Recepção

Antes de iniciar o espetáculo, imagens produzidas pelos jovens durante as oficinas serão projetadas na tela, com os áudios das histórias, enquanto os espectadores chegam.

Cortejo

Os atores (jovens e professores) entrarão pela plateia do teatro em cortejo

Letra do cortejo:

Escute essa história

História que eu vou contar
 Aconteceu de verdade
 Foi pelas bandas de lá
 Não é lenda que se conte
 História de pescador
 Tem lara, boto, cobra grande
 Até olho falador.

Cena 01

Os atores entrarão com lamparinas. E irão para trás da tela, exceto a narradora.

Narradora- *Era uma vez, em uma aldeia muito distante, um índio chamado Terê. Terê queria sair para pescar, chamou seus irmãos Tiri e Tará, pegou a canoa e foi então que...*

Os manipuladores utilizarão figuras chapadas de papel. Quando entraram na canoa, as figuras serão substituídas pelos movimentos corporais dos atores. Durante a remada sugestão de música: "Saga de um canoeiro".

Cena 02

Narradora- *Terê, que se achava mais esperto, resolveu entrar na curva da ilha, lugar onde não deveríamos passar.*

Tará- *não terê, é perigoso demais*

Tiri- *terê, deixa de ser doido, vamos voltar.*

Terê- *deixa de ser medroso, bora logo, tem nada para lá não.*

Tiri- *e se tiver visagem? Se tiver algum bicho? Se a gente encontrar a lara?*

Terê- *vamos gente, dizem que tem peixe que só pra lá.*

Tará- *ah,então vamos né?*

Os manipuladores farão os movimentos dos índios, canoa e dos peixes e demais instrumentos dos índios. Sons diversos enquanto os índios, pescam (sugestão acompanhamento musical). Inicia o canto da lara.

Tiri-*Que isso?Ai, eu disse que tinha visagem pra cá.*

Terê-shiii. *Tapa os ouvidos e fecha os olhos.*

Tará- *é ela?*

A canoa começa a balançar e os índios caem no fundo do rio negro (projeção-animação).

Cena 03

Nesta primeira animação, o fundo do rio, peixes, e a lara no canto inferior esquerdo, em tom meio sombrio.

lara- *que bom que vieram, minha cidade está sobre uma terrível maldição, preciso que me ajudem, pedi para que o boto os trouxessem.*

O Boto aparece como sombra de um ator (professor).

Boto- *tudo isso começou com a lenda do sol e da lua*

Entra projeção (animação lenda do sol e da lua) acompanhada de música ou narração do boto (sugestão música- "Amazônia Aikamaé")

Cena 04

Muda iluminação, entra a cobra grande, sombra produzida com movimentos corporais e bonecos de molde.

Cobra grande- *venham. Posso ajudar levando vocês para encontrar o sol e pedir dele mais tempo.*

Os índios montam na cobra, que os leva até a superfície, durante a viagem, sons diversos de floresta, rio. Terminada a viagem, muda a projeção- animação com vitórias-régias faladeiras. Vários áudios de mulheres falando como vitória-régia. (As regias podem ser bonecos de espuma)

Régia 1- *viu régia? Três meninos. Com a sra cobra grande*

Régia 2- *e eu não vi régia, disseram que foi a lara que mandou os três falarem com o sol*

Régia 3- *mas com o sol? Vocês não sabiam?*

Régia 1- *sabe o que? Me conta régia.*

Régia 3- *que a maldição da pobre da lara é por causa das pedras.*

Régia 1 e 2- *pedras?*

Régia 3- *sim, mil pedras preciosas. Ouviu meninos? Vocês vão ter que pegar as mil pedras*

Régia 1- *vixe, talvez o sol não ajude mesmo, depois do que aconteceu com Naiá.*

Régia 1- *Naiá é a bela moça que se apaixonou pela lua, todas as noites ela olhava a lua de longe. Numa noite de lua cheia ela achou que a lua estava na água, e a coitada pulou, mas era só o reflexo.*

Régia 2- *e aí nasceu a primeira régia, né régia?*

Régia 1- *claro régia.*

Terê- *aí, essa história tá cada vez mais enrolada.*

Cobra grande- *vamos meninos, essas vitórias-régias são umas fofoqueiras.*

As régias resmungaram enquanto os índios retomam a viagem. (Muda a projeção). Índios na cobra grande, música, sons.

Cena 05

Aparece uma árvore, sombra formada corporalmente (projeção- animação olhos de guaraná piscando)

(Áudio- guaraná) - calma meninos, sou o pé de guaraná, também já fui um curumim como vocês, mas hoje eu vim aqui lhes ajudar. Nasci do amor do meu pai, que enterrou meus olhos a pedido de tupã, renasci como arvore, ao lado de uma gruta. Nessa gruta estão as mil pedras mágicas que vocês precisam para libertar a cidade da lara. Sigam a trilha de uns macacos que andam aqui por perto.

Sai animação guaraná e a sombra da arvore se desfaz. A viagem com a cobra continua. Aparecem sombras de macacos, feitas pelos atores corporalmente com uma coreografia. Entra Sons elou música. Aprece a gruta (sombra) com pedrinhas reluzentes (sugestão- lanternas ou pisca-pisca)

Tará- *olha lá. As pedras*

Tiri- *pega*

Os índios colocam as pedras contando “aleatoriamente” até 999.

Terê- tá faltando uma

Uma única pedra pisca nas mãos de um macaquinho (molde de papel)

Tará- olha, pega aquele cacho de banana.

Tiri sacode o cacho. O macaco solta a pedra que é pega por terê e jogada no panelo.

Cobra- Vamos.

Cena 06

Os três índios voltam a viajar sobre a cobra, agora com o panelo. Musica enquanto os atores manipulam a viagem.

Narrador- Conseguiu terê, tará, tiri

Com longa viagem em cobra grande

Parecido um sonho de verdade

Encontraram as pedras a brilhar

Para salvar lara e a cidade

Entregou terê, tará, tiri

Para ela as pedras preciosas

Mágica cidade a seguir.

Entregam o panelo para a lara (muda a projeção- animação cidade agora cores vibrantes). Voltam para a casa na canoa. (projeção- animação pôr- do- sol) com musical (instrumental).

Narrador- Os três curumins voltaram para casa, antes do sol se pôr. E resolveram nunca mais passar da curva da ilha. A não ser que fossem convidados por alguma criatura do fundo do rio.

Luz apaga.